



ENTREVISTA JACQUELINE KARACHI-LANGANE



À altura de um  
passado brilhante

Por Carlos Torres, fotos Cartier

Jacqueline Karachi-Langane é a face criativa por trás da alta joalheria da Cartier e a responsável pela excecional coleção revelada na ultima Biennale des Antiquaires de Paris.



*É aqui que a magia acontece....  
Começa-se por escolher uma pedra  
e depois outra, que se conjuga  
mas que não nos deixa totalmente  
satisfeitos. Falta qualquer coisa,  
mas num único golpe de inspiração,  
elas fundem-se. Uma pedra acaba  
por chamar as outras.*

Jacqueline Karachi-Langane

Uma recente viagem à ilha da Madeira deixou-a completamente rendida à luxuriante vegetação da pérola do atlântico que caracterizou como «absolutamente delirante». No entanto, não deixou de manifestar alguma decepção induzida pelo estilo da arquitetura dominante que considerou estar em contraste com a invulgar beleza da ilha. Com esta simples mas sagaz apreciação, Jacqueline Karachi-Langane revelou-nos durante a 26ª Biennale des Antiquaires de Paris um pouco da sua invulgar sensibilidade para as formas orgânicas a par com a sua enorme capacidade para apreciar o belo, ou a sua ausência.

Jacqueline Karachi formou-se na famosa École Boulle de artes aplicadas em Paris, de onde saiu diretamente para a Maison Cartier, onde acumula já quase três décadas de trabalho criativo. Responsável por um dos setores mais importantes da casa francesa, Karachi é hoje a diretora criativa de uma área que, apesar de todo o desenvolvimento recente da marca no campo da alta-relojoaria, se mantém como a alma e o caráter original desta manufatura. A alta joalharia é uma especialidade na qual Jacqueline Karachi-Langane se sente como peixe na água e uma, que, apesar de tudo, preenche de forma esmagadora a história da Maison Cartier desde 1847.

A primeira troca de palavras aborda forçosamente o animal fetiche da Cartier, sempre omnipresente nas criações da marca: «A inspiração para a Pantera vem de Jeanne Toussaint, a diretora de alta joalharia da Cartier a partir de 1933 e a quem aliás chamavam a Pantera, devido à sua figura um pouco felina e também por ser esse o seu animal preferido». Para Karachi o aspeto mais interessante é que a Pantera se manteve sempre como o animal fetiche da Cartier, cujas características correspondem hoje também a uma boa parte das mulheres que usam joias da marca. «A doçura, a agressividade ou a ternura, todas se podem expressar pela figura da pantera, que para nós é verdadeiramente uma figura fabulosa».

A Pantera tem estado sempre presente em todas as coleções da Cartier, e a coleção apresentada na última Biennale não foi uma exceção. Mas Karachi prefere ver esta característica da marca sob uma outra perspetiva: «para os nossos criadores, o maior desafio é fazer a Pantera evoluir ao longo do tempo. A Pantera da Cartier evolui um pouco como uma mulher, e neste momento ela está num período de modernidade. Este ano misturámo-la com pedras esculpidas e colocámo-la em ambientes diferentes». Um exercício que Karachi compara à criação de uma história pensada e contada à medida. «O que é verdadeira-mente importante é poder contar histórias nas quais a Pantera se apresente numa ilusão de movimento, onde tenhamos a impressão que ela vai saltar da joia. Toda esta coleção é baseada sobre esta noção de cinemática que nos permite dizer que, hoje, a Pantera da Cartier é uma Pantera em movimento».



High Jewellery Collection 26th Biennale des Antiquaires Julien Claessens & Thomas Deschamps © Cartier 2012



High Jewellery Collection 26th Biennale des Antiquaires, Anel "Panther" Julien Claessens & Thomas Deschamps © Cartier 2012

ENTREVISTA JACQUELINE KARACHI-LANGANE

Segundo Jacqueline Karachi, a Pantera provoca um certo sentimento de cumplicidade entre esta, a joia e quem a usa, manifestando também que o mais importante é que a mulher se aproxime da sua joia de forma a sentir que ela foi feita propositadamente para ela. «A joia deve poder falar e é a história de quem a usa que ela deve contar. É como se o objeto pudesse desencadear emoções em quem o usa, fazendo recordar memórias passadas entre histórias de infância ou episódios vívidos. Nesse aspeto jogamos verdadeiramente sobre o campo do emocional».

Todas as 148 peças expostas na Biennale são peças únicas pensadas e criadas em Paris entre três ateliers especializados da Cartier, um dos quais localizado nos andares superiores do famoso nº 13 da Rue de La Paix. Um processo criativo, lento e laborioso, que deu origem a um número de universos que Karachi nos descreve: «o fio condutor desta coleção é efetivamente o *dépaysement*, ou seja uma noção de viagem e de descoberta que engloba quatro universos distintos. Um universo luxuriante, onde emergimos numa paisagem tropical para encontrar o tradicional Tutti-Frutti entre peças bastante coloridas e com muitos animais. Segue-se um universo solar onde vamos encontrar todas estas peças numa tonalidades ocre, com amarelos, laranjas, e muitas vezes com um desenho hipnótico representando raios de sol e areia. Depois temos o universo Boreal para o qual nos situamos no extremo norte, sendo este o motivo porque encontramos muitas peças brancas e azuis, frias e mesmo um pouco glaciares, e onde desenvolvemos jogos de transparência. Finalmente, o quarto universo, e também o mais importante, é o universo urbano. Nele situamo-nos na cidade, onde tudo é muito mais estruturado e onde a inspiração assenta no design, na arquitetura e no ritmo da cidade. Aqui apresentamos sobretudo peças de uma grande modernidade, de grande complexidade técnica, e com muitos elementos em branco e negro».

Sobre se neste processo criativo a sua equipa vai à procura de pedras já com uma ideia em mente ou se, pelo contrário, são as pedras que em absoluto definem *à posteriori* a coleção que irá surgir, Karachi não hesita, «são os dois! É sem duvida um pouco de ambos os processos em simultâneo. A Cartier tem já um *stock* de pedras importante, e para além disso também sabemos quais as pedras que estão disponíveis no mercado.» Utilizando o exemplo da bracelete Tutti Frutti deste ano, Karachi reafirma que «se fossemos à procura das pedras necessárias para a construção desta bracelete, tenho a certeza de que jamais as encontraríamos. Se hoje desenhássemos uma coleção toda em vermelho, seria impossível encontrarmos pedras vermelhas em qualidade e quantidade suficientes. O Rubi está verdadeiramente intocável, e a Rubilita extremamente difícil de conseguir devido à enorme apetência da China por esta pedra.

Chega assim uma altura em que temos de adaptar a nossa criatividade aos materiais que encontramos e que conseguimos disponibilizar. Ao longo deste processo, e já com alguma pedras definidas, vamos procurar e comprar outras para ir ainda mais além na temática que definimos».

Nesta altura impõe-se questionar sobre a noção de haver gemas que são mais Cartier do que outras, uma ideia que Karachi não nega: «É isso que é interessante. Eu diria que a Cartier já não está no domínio das harmonias subtis. Por exemplo, veja-se o casamento inédito entre uma Água Marinha e uma Espinela, algo que nunca tinha sido feito. São cores tão subtis que primam pela ausência de contraste.» O processo de escolha que dá origem a esta mescla de estilos e tipos de gemas diferente merece por parte de Karachi uma explicação mais detalhada: «Quando chegamos de Hong Kong, misturamos as pedras que encontrámos com as pedras que já possuímos, e tentamos casá-las entre si. Podemos ter pedras que não tínhamos conseguido obter anteriormente e que agora completam um conjunto que ambicionávamos criar». O brilho patente no olhar de Jacqueline Karachi à medida que descreve este processo impõe a pergunta seguinte sobre se esta é uma parte do seu trabalho que executa com um especial prazer. A resposta é evidente e faz-se acompanhar por um largo sorriso, «É aqui que a magia acontece.... Consideremos por exemplo este Crisoberilo que se encontra sobre a mesa», apontando para um magnífico escaravelho, «a gema foi conjugada aqui com uma opala excecional, e ali com uma extraordinária Safira Padparadscha. Começa-se por escolher uma pedra e depois outra, que se conjuga mas que não nos deixa totalmente satisfeitos. Falta qualquer coisa, mas com a conjugação do laranja da Padparadscha, e num único golpe de inspiração, elas fundem-se. Uma pedra acaba por chamar as outras.»

Uma perspetiva inovadora que leva a questionar onde se posiciona a obediência ao elemento histórico da marca: «Nós respeitamos de forma absoluta o nosso passado que temos a sorte de estar bem registado nos nossos arquivos e que nos dá um vislumbre do que já foi feito. Temos uma história maravilhosa que nos cabe continuar a escrever, e temos consciência de que estamos à altura do nosso passado». O tempo esgota-se, mas resta-nos ainda o suficiente para uma pergunta final para a qual já conhecemos a resposta: «Quer destacar uma peça em particular das 148 que se expuseram na Biennale?». A resposta de Karachi não podia ser outra: «Impossível!».